

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

TRÊS NÓTULAS DE ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA.

NUNES, João de Castro

Ano: 1957 | Número: 67

Como citar este documento:

NUNES, João de Castro, Três nótulas de arqueologia pré-histórica. *Revista de Guimarães*, 67 (1-2) Jan.-Jun. 1957, p. 192-200.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Três nótulas de Arqueologia pré-histórica

PELO DR. JOÃO DE CASTRO NUNES
Leitor de Português na Fac. de Filosofia e
Letras da Universidade de Salamanca

I

Um novo aspecto do complexo lítico ancorense

Numa das muitas e exaustivas prospecções arqueológicas a que em Setembro e Outubro de 1954 procedi na praia de Ancora, estando ali com a família, recolhi um dia um instrumento de quartzite, em forma de lançadeira de tear e em adiantado estado de rolamento, que particularmente me chamou a atenção pela sua novidade.

Encontrado à superfície na cascalheira marginal da curta enseada conhecida pelo Espilro Pequeno, isto é, na porção de costa situada entre o molhe e o fortim da Lagarteira, a tal objecto eu não daria uma importância excepcional se dias depois, em novas pesquisas efectuadas na companhia do professor primário local, Sr. Daniel Maciel, e seu filho mais velho, este não viesse a achar no sítio das Camboas um segundo exemplar sem vestígio algum de rolamento (est. I), facto em grande parte explicável pela simples razão de, juntamente com outros materiais, provir de uma cova recém-aberta no último terraço quaternário de 5-8 metros.

A estes dois primeiros exemplares, presentemente no Museu Arqueológico de Barcelona por oferta do signatário, acabam agora de juntar-se outros dois, um bastante rolado e o outro escassamente (est. II), recolhidos pelo Sr. Daniel Maciel e seu filho na espla-

nada do Campo do Castelo, por sinal contígua e, ao mesmo tempo, ligeiramente sobranceira à enseada do Espilro Pequeno, lugar do achado inicial. Quanto aos dois últimos, encontram-se hoje entre os materiais de estudo do Seminário de Arqueologia da Universidade de Salamanca, por oferta também do signatário.

Conhecedor em pormenor do complexo lítico ancorense, havendo-me passado pelas mãos um sem número de espécies, posso desde já asseverar que os presentes instrumentos constituem realmente um novo e singular aspecto daquela indústria, sem paralelo até agora conhecido no resto do país. Longe, porém, de afirmar tratar-se de um tipo cultural independente, inclino-me antes por simples novidades morfológicas de uma mesma família industrial, com um comum teor de técnica e pátina, opinião aliás compartilhada por notáveis autoridades na matéria, que tiveram o ensejo de examinar as peças em questão.

Ora, a admitir-se para o conjunto dos instrumentos líticos da praia de Âncora um fácies proto-asturiense com sobrevivências mesolíticas, isto é, «*ancoreense*», temos de confessar que os exemplares agora divulgados representam na verdade um elemento grandemente perturbador, pois se por um lado oferecem, pela técnica de pequenas lascas, um vago carácter musteróide, que de resto já se tem pretendido atribuir a determinadas peças da mesma região, e se por outra parte nos evocam pela forma um certo ambiente solutrense, o mais provável é estarmos única e simplesmente em presença de uma grosseira réplica em quartzite de objectos de sílex próprios da cultura neolítica (talvez campinhienses), se é que não posteriores.

Natural é, com efeito, que em terras pobres de sílex ou que inteiramente o desconhecem, como é a região de que tratamos, os seus habitantes se valessem do material local, neste caso a quartzite, a fim de obter ou imitar esses delicados, finos e artísticos instrumentos de sílex peculiares das culturas post-paleolíticas, não deixando de a este propósito ser altamente elucidativa a circunstância de também, por exemplo, as pontas de seta dos dól-

menes do vale de Âncora, trabalhadas em piçarra, não passarem de um pálido arremedo, em beleza formal e perfeição técnica, das suas congêneres do sul e centro do país, feitas de sílex. Nunca é demais, por isso, recordar e insistir nas seguintes considerações gerais de B. Bétirac ⁽¹⁾ acerca das indústrias de quartzites: «Plus on avance dans le temps, plus on utilise simplement ce que l'on a sous la main: le galet local. Il est certain que le résultat donne une industrie assez fruste, à la fois simpliste et archaïque» (p. 157).

Não pretendendo com esta nota senão chamar a atenção dos especialistas para o novo material de estudo aqui apresentado e abstenho-me, portanto, de prematuras conclusões só possíveis quando se venha a estabelecer o seu confronto, em bases sólidas, com material técnico e tipologicamente idêntico das diversas áreas culturais post-paleolíticas, e mais concretamente neolíticas, dos continentes europeu e africano, material que realmente existe embora não seja este o momento mais azado para o pôr em evidência, o certo é que, de qualquer modo, o novo tipo de instrumentos, que acabo de dar a conhecer, não pode deixar de ser tomado, a par dos instrumentos exumados com as respectivas lascas pelo Dr. M. Fernández Rodríguez ⁽²⁾ no interior de uma casa, com vestígios de romanização, da citânia de Santa Tecla, na Galiza, como uma das pedras angulares de toda e qualquer futura discussão acerca do pretenso Paleolítico de Vila Praia de Âncora e estações arqueológicas afins.

(1) *Généralités sur les industries en quartzites (Congrès préhistorique de France-Paris 1950 Paris 1952 pp. 152-160).*

(2) *En torno al pseudo asturiense de la Guardia (Zephyrus VI 1955 pp. 217-231), p. 226.*

II

Seixos idoliformes da Lomba do Canho,
em Arganil

Na Lomba do Canho, a uns quarenta metros a nascente do local designado pelos Moinhos de Vento, quem desce o caminho que leva às Secarias, achei à flor do solo, durante os trabalhos de reconhecimento que no verão de 1956 ali efectuei (cf. *A Comarca de Arganil* de 15, 18, 20 e 22 de Dez. de 1956), um pequeno seixo com entalhes laterais (est. III 1), a que mais tarde se agregou um outro (est. III 2) encontrado no mesmo sítio, aproximadamente, pelo Rev.º pároco da freguesia de Mouronho, Sr. P.º Francisco Dias Ladeira, os quais à primeira vista me fizeram pensar nos conhecidos pesos de rede («poids de filet») próprios da chamada cultura ou indústria lítica «*ancorense*».

Minucioso estudo posterior levou-me, porém, à convicção de estar em face de objectos em tudo diferentes. Na verdade, além de que não é o mesmo o material de que são feitos (xisto no nosso caso, quartzite em geral no outro), tão-pouco é análoga a técnica da sua obtenção, pois enquanto que, relativamente aos pesos de rede, se trata de uma técnica de lascas por percussão oblíqua, de incidência lateral, outro é o caso dos seixos da Lomba do Canho, razão de ser do presente apontamento. Pelo que a estes diz respeito, ora os seus entalhes ou ranhuras parecem produzidos por desgaste (cf. est. III 1), ora se apresentam praticados, um em cada face e verticalmente ao seu plano, por instrumento pontiagudo (cf. III 2). Acrescendo o facto de, contrariamente aos referidos pesos, tais ranhuras se encontrarem no geral sensivelmente acima do diâmetro menor da superfície elipsoidal dos seixos em questão, como imprimindo-lhes um ar de configuração antropomórfica, estilizadamente sugerida pela diferença de volume de ambas as zonas demarcadas pelo estrangulamento

dos entalhes, creio não dever subsistir dúvida quanto à distinta natureza de uns e outros.

Como, então, considerar estoutro género de seixos que, se pelo aspecto geral fazem lembrar os pesos de rede de Vila Praia de Âncora ou estações congêneres, de modo algum são com eles identificáveis, dadas as suas características? Difícil seria responder convincentemente a esta pergunta se, dias volvidos sobre tão curioso achado, não me viesse à mão, ao proceder a uma prospecção no primeiro dólmen ou, talvez mais pròpriamente, sepulcro de corredor por mim localizado nos Moinhos de Vento, um terceiro exemplar que, por haver surgido no seu meio arqueológico próprio, parece na verdade autorizar-me a resolver, de maneira concludente, o problema da sua identificação e atribuição culturalógica.

Efectivamente, numa sondagem praticada na periferia da mamoa, da banda do nascente, deparou-se-me entre abundante material eneolítico ou do Bronze inicial o seixo a seguir reproduzido e cuja analogia com certos «galets de schiste taillés» de há muito conhe-

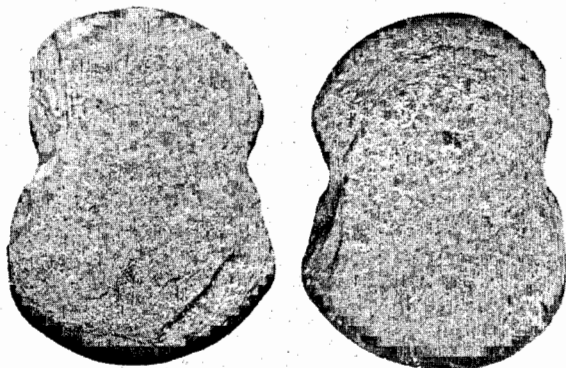


Fig. 1 — *Seixo idólfome do dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento, Lomba do Canho, Arganil, visto pelo anverso e reverso.*

cidos na Península, um dos quais ⁽¹⁾, o de El Gárcel (fig. 2), recentemente classificado por A. del Castillo ⁽²⁾ como «idolillo eneolítico», é, apesar do seu primitivismo ou acusada rusticidade, mais ou menos manifesta.

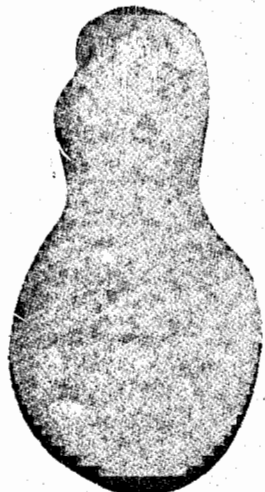


Fig. 2—Ídolo eneolítico
de El Gárcel.

Ora, que não é lícito deixar de associar ao seixo idoliforme contido na mamoa do dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento os demais seixos objecto desta nota, indicam-no, além da sua notória identidade técnico-morfológica, a circunstância, que sobremaneira a realça e valoriza, de estes últimos terem aparecido relativamente perto do mesmo monumento, sendo até muito possível que dele tenham sido retirados, como tantos outros materiais dispersos que recolhi nas imediações, hipótese tanto mais provável quanto é certo que no sítio aproximadamente em que os referidos seixos foram apanhados, isto é, no caminho em

declive que do dólmen conduz às Secarias, igualmente se encontrava um grande pedaço de alabarda de sílex, alguns outros fragmentos da qual aparece-

(1) L. Siret *Questions de Chronologie et d'Ethnographie ibériques* I Paris 1913 p. 253 fig. 85 1, «gallet de schiste taillé» por igual reproduzido e, na esteira de H. Obermaier *El hombre fósil* Madrid 1910 p. 329 fig. 117 b 1, considerado por E. Neumann *The Great Mother, an analysis of the archetype* New York 1955 p. 109 fig. 5 2 a como um «stone idol» de época neolítica, mas a que hoje em dia se tende a atribuir idade eneolítica. Cf. G. und V. Leisner *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel* Berlin 1943 pp. 412-422 (*Das Flachidol*), especialmente pp. 414-421 (*Steinidole*).

(2) *El Neoneolítico (Historia de España*, de R. Menéndez Pidal, t. I *España prehistórica* vol. I Madrid 1947 pp. 479-714) p. 589 fig. 487 6.

ram por seu turno junto à orla periférica do monumento violado, de onde com certeza a arma procedia.

É todo este conjunto de circunstâncias que em tais seixos, cuja geometrização, longe de constituir simplificação da forma, é antes concentração do símbolo, é todo este conjunto de circunstâncias que neles me faz ver autênticas, ainda que grosseiras, representações antropomórficas de carácter ritual: em paralelo com os «galets de schiste» idoliformes da Península acima referidos e, no geral, interpretados como figuras femininas em alto grau de esquematização, em certo modo comparáveis às mulheres almerienses das pinturas rupestres esquemáticas, de H. Breuil, os seixos da Lomba do Canho seriam pois, na sua forma vagamente sexualizada, outras tantas frustes manifestações locais de um suposto culto à deusa mãe eneolítica, suprema encarnação hierológica dos atributos da maternidade, humana ou ctónica, peculiar das organizações matriarcais. Em suma, um elo mais a vincular ao culto dos mortos antiquíssimos ritos de fecundidade-fertilidade.

III

Novo esconderijo no concelho de Paredes de Coura

Pelo seu actual possuidor, Sr. Daniel Maciel, professor de Vila Praia de Âncora, foi-me enviado para estudo um machado de talão aparecido há cerca de 20 para 25 anos no sítio ou lugar da Cabeluda, nos limites das freguesias de Insalde e Padronelo, do concelho de Paredes de Coura, quando da abertura da estrada que da respectiva sede do concelho dá para o Estremo.

Cedido pelo empreiteiro da referida estrada, Sr. Álvaro Serdoura, ao funcionário de Finanças aposentado e residente em Coura, Sr. Francisco José Barreiro, a quem em Julho de 1955 o adquiriu por compra o citado professor, a fim de enriquecer o pe-

quenino museu que se propôs organizar na sua escola, o machado de bronze objecto destas linhas (est. IV) fazia parte de um conjunto de mais dois, um dos quais partido, que por sua vez foram ter às mãos do pároco de Padornelo, cujos herdeiros acabaram por cedê-los ao museu do Seminário de Sant'Iago, de Braga, onde actualmente se encontram.

Pelas características fundamentais, isto é, folha de lados ligeiramente curvos, superfície lisa e secção sub-retangular, fio curto e quase recto, aselha dupla com o topo, recto, ao centro e talão de fundo plano, parece tratar-se, não obstante uma certa desproporção entre os respectivos índices da largura e da grossura (6'5-4'5, aproximadamente), de um novo exemplar de subtipo corunhês, segundo a tipologia estabelecida, após aturadas investigações, pelo Dr. L. Monteagudo (1) para esta classe de machados, a que sói dar-se o nome de tipo galaico ou galego-português por «su máxima concentración en Galicia y el Norte de Portugal» (2). Estreito e relativamente grosso, tem 1150 gr. de peso e 23,5 cm. de comprimento total, incluído o correspondente infundíbulo, cabeço ou cone de fundição, provável garantia comercial de não haver sido utilizado.

Não tendo podido averiguar das condições do seu aparecimento e muito menos proceder, por se tratar de objecto de colecção particular, a qualquer análise laboratorial, que necessariamente implicaria a sua parcial mutilação, pouco é o que, além do registo do facto em si, há a extrair, para a caracterização do correlativo horizonte arqueológico, do conhecimento isolado da presente peça, que juntamente com as duas outras, cuja tipologia desconheço, nos acaba de permitir localizar na região minhota mais um possível esconderijo de fundidor ou mercador de bronze, determinante da fase final do Bronze Médio

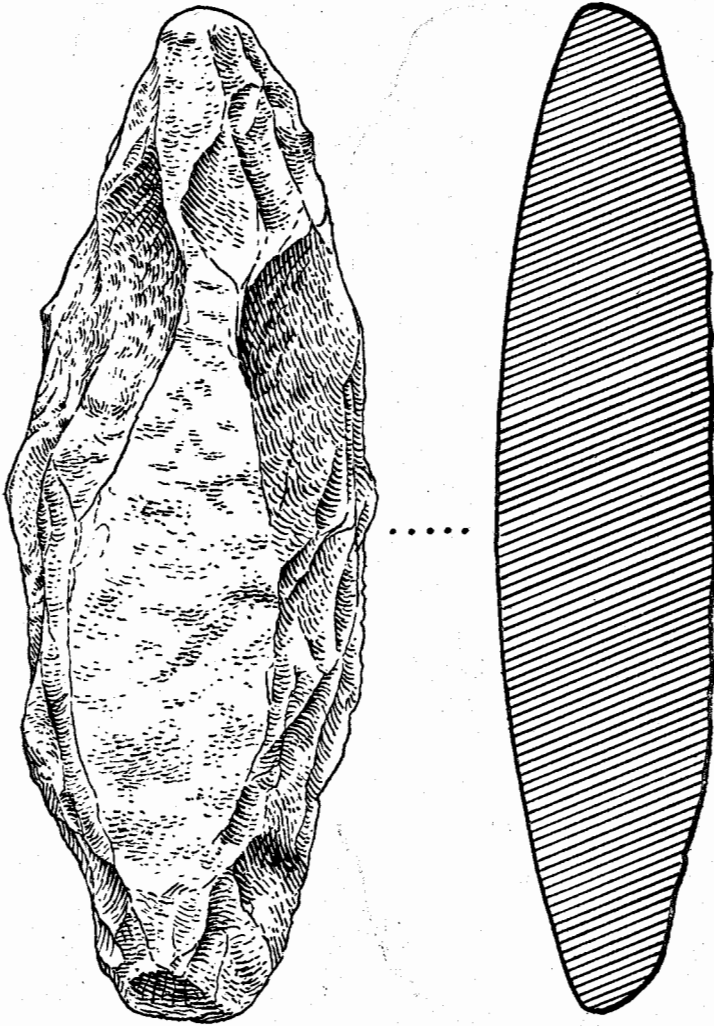
(1) *Hachas de talón* Barcelos 1951 p. 10.

(2) E. MacWhite *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce* Madrid 1951 p. 67.

(1100-800 a. C.), de P. Bosch-Gimpera (1), ou III Hispânico e I Atlântico (1200-900 a. C.), segundo a terminologia e cronologia hoje em dia mais generalizadas. Bom seria, pois, que quem de direito se apressasse a publicar as restantes espécies deste esconderijo, a fim de que do seu estudo de conjunto se venham a tirar as conclusões pertinentes.

(1) *La Edad del Bronce de la Península Ibérica* (*Archivo Esp. de Arqueología* XXVII 1954 pp. 45-92) especialmente p. 75.

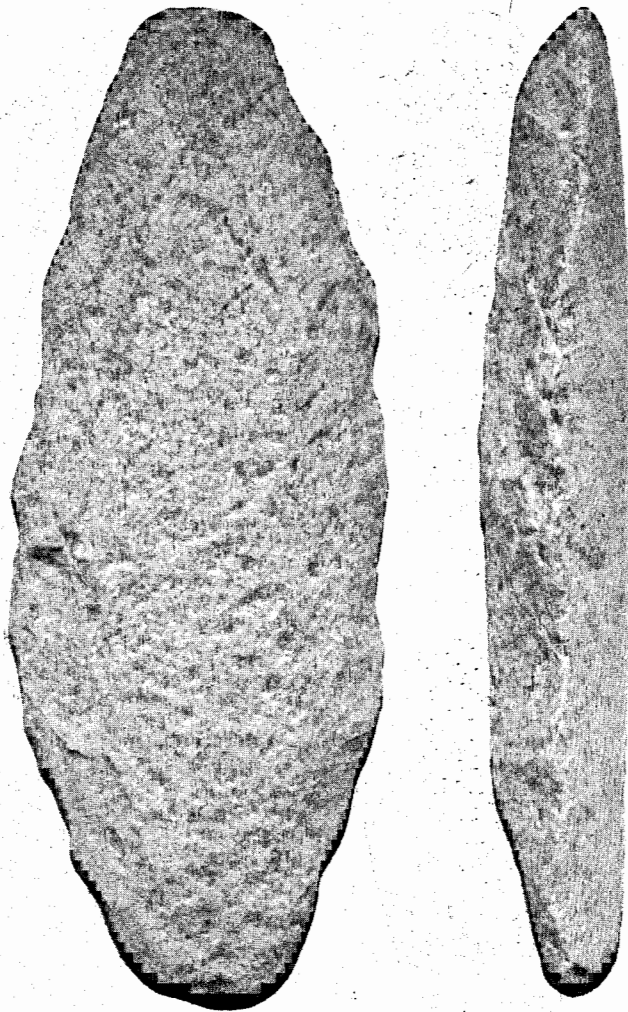
EST. I



Instrumento de quartzite achado nas Camboas, Vila Praia de Âncora.

(Tam. nat.)

Est. II



Instrumento de quartzite, visto de frente e de perfil, do Campo do Castelo, Vila Praia de Âncora.

(Tam. nat.)

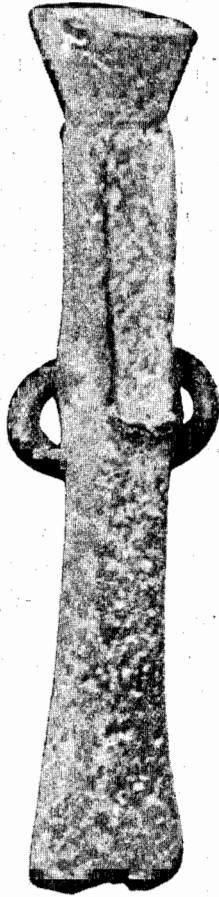
Est. III



*-Seixos de xisto idoliformes, vistos pelo anverso e reverso,
da Lomba do Canho, Arganil.*

(Tam. nat.)

Est. IV



Machado de talão da Cabeluda, Paredes de Coura.

($\frac{1}{2}$ do tam. nat.)